

# HISTÓRIA DA AMÉRICA II

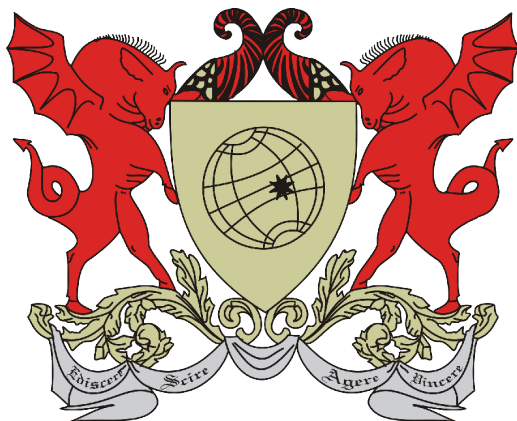
Priscila Ribeiro Dorella

Maria Marta dos Santos Camisassa



Curso de Licenciatura  
**em História**





## Universidade Federal de Viçosa

### Reitora

Nilda de Fátima Ferreira Soares

### Vice-Reitor

Demetrius David da Silva



Coordenadoria de  
Educação Aberta e a Distância

### Diretor

Frederico Vieira Passos

*Prédio CEE, Avenida PH Rolfs s/n  
Campus Universitário, 36570-000, Viçosa/MG  
Telefone: (31) 3899 2858 | Fax: (31) 3899 3352*

DORELLA, Priscila R.; CAMISASSA, Maria Marta dos S. - História da América II. Viçosa - MG, 2012.

Layout: Diogo Rodrigues

Editoração Eletrônica: Pedro Augusto

Capa: Diogo Rodrigues

Revisão Final: João Batista Mota

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

D695h  
2012

Dorella, Priscila Ribeiro, 1981-  
História da América II / Priscila Ribeiro Dorella, Maria  
Marta dos Santos Camisassa. – Viçosa, MG : UFV/CEAD,  
2012.  
51p. ; 29cm. (Conhecimento, ISSN 2179-1732; n. 15)

Livro eletrônico.  
Inclui bibliografia.

1. América - História. 2. Políticas. I. Camisassa, Maria  
Marta dos Santos, 1952-. II. Universidade Federal de Viçosa.  
Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância. III. Título.

CDD 22. ed. 909.009



# SUMÁRIO

- 05 APRESENTAÇÃO**
- 06 O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA E A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS NA AMÉRICA LATINA**
- 14 CAUDILHISMO E LIBERALISMO NA REGIÃO PLATINA**
- 19 O DEBATE SOBRE A UNIDADE HISPANO-AMERICANA E AS PROPOSTAS BOLIVARIANAS**
- 27 A QUESTÃO DA(S) IDENTIDADE(S) LATINO-AMERICANA(S)**
- 31 A IGREJA CATÓLICA, REFORMAS LIBERAIS E LUTAS CAMPONESAS NO SÉCULO XIX**
- 38 A EXPANSÃO TERRITORIAL E ECONÔMICA NO SÉCULO XIX E A QUESTÃO DA FRONTEIRA NO IMAGINÁRIO NORTE-AMERICANO**
- 42 A GUERRA CIVIL NORTE-AMERICANA (1861-1865)**
- 48 O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO**

# Apresentação

Caros (as) alunos (as),

Vamos iniciar o curso de História América II (HIS 341D), que trata de temas essenciais ocorridos na América Latina e nos Estados Unidos, durante o século XIX, tendo como ponto de referência, além da apostila, a bibliografia indicada e as aulas narradas.

No caso desta apostila, ela foi produzida com o intuito de contribuir para o melhor entendimento da bibliografia apontada e das possibilidades que oferece para o ensino de História da América no Brasil.

De modo a atender a esses objetivos, cada tema trabalhado – por exemplo, as independências na América Latina e o imperialismo norte-americano - será apresentado com informações essenciais acrescentadas de novas referências bibliográficas. Além disso, chamo a atenção, com diversos exemplos e questões, para a forma como alguns livros didáticos tratam da História da América.

É comum observar nos livros didáticos, até mesmo por conta do tempo restrito e do público-alvo (ensinos médio e fundamental), uma narrativa sintética, superficial e incompleta sobre a História da América. Cabe ao professor, portanto, não apenas chamar a atenção do aluno para tal fato, mas também acrescentar informações valiosas que o façam refletir sobre o tema. Por isso, é importante analisarmos alguns livros didáticos que trabalham com a História da América no século XIX para que vocês adquiram, como futuros professores, rudimentos capazes de construir em sala de aula um conhecimento crítico.

É possível perceber, assim, que a apostila apenas auxiliará no melhor entendimento dos textos e nas possibilidades que eles oferecem de abrir novas perspectivas históricas, ou seja, a apostila, em hipótese alguma, não deverá ser substituída pela bibliografia de referência do curso. Até porque a sua melhor compreensão dependerá da leitura dos textos apontados no programa.

Desejo a todos vocês um ótimo aproveitamento do curso de História da América!

# O processo de independência e a formação dos Estados nacionais na América Latina

## 1.1. *Epílogo: a chegada da independência*

### **Aula 01 e 02, Texto-base:**

SCHWARTZ, Stuart. “Epílogo: a chegada da independência”. In: América Latina na época colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.465-488.

#### **A- Ideias gerais do texto**

O processo de independência na América Latina, ocorrido em sua maioria nas primeiras décadas do século XIX, tem sido fonte de um renovado interesse e originado instigantes polêmicas historiográficas a partir de uma multiplicidade de abordagens que apontam para a sua complexidade. No texto do historiador norte-americano Stuart Schwartz, da Universidade de Yale, publicado no Brasil em 2002, é discutido as independências da América Hispânica. Nele, o autor defende a tese de que as independências foram um processo que não produziu mudanças significativas em relação ao período colonial, pois, para ele, o que existe, discutivelmente, é uma divisão artificial entre o período colonial e o nacional.

Essa visão é tributária de uma interpretação relativamente antiga na América Latina, que predominou por décadas, ao identificar as independências a signos de continuísmo, posto que não teriam implicado numa mudança substantiva de natureza social. Mas, a partir da década de 1980 e principalmente dos anos de 1990, o tema renasceu, dando relevo à ideia de que esse processo implicou em mudança e ruptura.

Em todo caso, Schwartz leva em consideração, em sua explicação histórica, tanto o contexto americano quanto o europeu. Logo de início, chama a atenção para o fato de que muitos dos registros históricos desse período são mal estudados por terem sido danificados, em razão das lutas armadas que irromperam na América Latina, o que inviabilizou vários tipos de investigação com registros cartoriais, paroquiais e imobiliários. Segundo o historiador, muitos estudiosos conseguem resgatar melhor o período colonial administrado pela Dinastia dos Bourbons, ao final do século XVIII, do que o das independências, no início do século XIX.

É preciso sempre lembrar que parte desse processo das independências foi movida por agitações “pré-independência”. Por exemplo: a Revolução Americana, de 1776, com seus ideais de liberdade; a Revolução Francesa, de 1789, com sua ênfase nos direitos universais do homem, e as revoltas de indígenas e de escravos afrodescendentes na América Ibérica, como a de Tupac Amaru, no Peru, em 1781; a dos Comuneros, Colômbia, no mesmo ano; a do Haiti, em 1791; a dos Coro Coro, na Venezuela, em 1795, e a dos Alfiates, na Bahia, em 1798, que contribuíram para afrouxar os laços entre a colônia e a metrópole.



**Isso nos faz pensar até que ponto os precursores da independência não foram os líderes das rebeliões e revoltas do século XVIII americano, pois, segundo o autor, a disposição por contestar construtivamente os abusos dos representantes da coroa ibérica, sem questionar a legitimidade da monarquia, foi o primeiro passo para se transformar na crítica à legitimidade da autoridade metropolitana.**

Outro aspecto a ser considerado nas independências da América Hispânica é que, entre 1796 a 1808, a Espanha travou várias guerras com a Inglaterra, diferente de Portugal que tinha esse país como um aliado. A consequência foi que a coroa espanhola teve que permitir a ingerência de navios neutros na América para abastecerem, transportarem às exportações da colônia e, até mesmo, levarem à metrópole a arrecadação das Índias Ocidentais. Eram os holandeses e norte-americanos que faziam esse comércio, mas, por incrível que pareça, eram os mercenários ingleses que o dominava. Assim, Schwartz defende a tese de que a América espanhola já havia adquirido independência comercial em relação à Espanha mesmo antes da separação política<sup>1</sup>.

Foi a invasão napoleônica na Espanha, entre 1807 e 1814, que destronou o rei Fernando VII, da Dinastia dos Bourbons, colocando em seu lugar o irmão de Napoleão, José, o que deu à colônia maior autonomia e possibilidade de lutar em prol da independência, até porque o rei já não estava mais presente e o novo governo não tinha o mesmo contato com a América.

Em 1812, a nova monarquia liberal apoiada pela França, na Espanha, promulgou uma nova constituição - a Constituição de Cádiz - que limitava o poder da monarquia e eliminava instituições antigas do regime espanhol, tendo, como contrapartida, ampliar o domínio espanhol sobre as colônias. Isto teve como efeito a indignação da elite *criolla*, que clamava por maior representatividade nas decisões da metrópole e era leal a Fernando VII, mas, segundo o autor, sob essa bandeira podiam ser executados vários tipos de ação, inclusive a independência. Assim, quando o rei Fernando VII reconquistou o poder, em 1814, e desejou reaver as colônias, o processo das independências já havia sido deflagrado e os vínculos de comunicação e comércio já haviam sido interrompidos.

A partir de 1810, em várias regiões da América Hispânica, grupos de juntas *criollas* assumiram o poder. Buenos Aires, Chile, Venezuela e Nova Granada se declararam, então, repúblicas independentes, apoiadas pela Inglaterra - primeiro país a reconhecer as independências devido aos seus interesses econômicos. Isso ocorreu não sem resistência dos exércitos realistas, que lutaram o quanto puderam para evitar o fato. O resultado foi que, já no início do século XIX, com exceção de Cuba e Porto Rico, toda região de domínio espanhol estava independente.

É importante ressaltar que os processos e os líderes dessas independências tinham posturas, perspectivas e desafios, muitas vezes, bem diferentes. Por exemplo, no México o principal líder independentista foi um padre do baixo clero, Miguel Hidalgo. Ele era monarquista, devoto da Nossa Senhora de Guadalupe, leal a Fernando VII, lutava por melhores condições de vida na colônia e foi executado em 1811. O seu companheiro de luta, o também padre José Maria Morelos, esboçou uma constituição liberal, defendeu a independência da região e, afastado do poder, foi dominado, logo depois, por uma elite *criolla*, que legitimou a presença no governo do antigo Vice-Rei no México, Iturbide, declarado imperador do México independente.

O Peru, assim como o México, foi um dos maiores produtores de metais preciosos da América e teve a independência mais tardia e resistente da primeira metade do século XIX. Isso porque tinha um exército de realistas no país apoiado por uma elite *criolla* receosa de transformações, tanto assim que foi Bolívar, líder da independência na Venezuela, e San Martín, líder da independência na Argentina, os grandes libertadores da região.

**Quando se obtém uma visão geral sobre as independências, é possível notar que as áreas conquistadas por último foram as primeiras a levantar-se e a ajudar ativamente as outras.**

1 SCWARTZ, Stuart. "Epílogo: a chegada da independência". In: *América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.474.

E não é à toa, pois os antigos vice-reinos da Nova Espanha e do Peru ainda eram o centro do desenvolvimento institucional e militar do império, com a maior concentração de tropas regulares e milícias organizadas, e os que ofereciam maior resistência às independências.

As guerras pelas independências mobilizaram *criollos*, escravos, índios e mestiços, que os colocaram, algumas vezes em evidência (como, no caso do México, do padre mestiço Hidalgo), e duraram anos e até décadas, com grandes perdas de vidas e de propriedades produtivas, mas o efeito sobre a organização geral da sociedade não foi imediata. Para Schwartz, certas pessoas mais hábeis, de origem social mais simples, enriqueceram, sem que sugerissem que a situação geral de pessoas de sua categoria fosse mudar.

Houve, nessa primeira metade do XIX, um preconceito enorme contra a herança colonial espanhola, que era movimentado por nacionalistas românticos e liberais, no intuito de construir uma nova identidade modernizadora para a região. No entanto, Schwartz desconsidera a conquista dos novos estados soberanos e da tentativa de formação de nacionalidades específicas, como a argentina, chilena, peruana, mexicana, etc. De acordo com o autor, em geral, havia um grau de continuidade na América Latina antes e depois da independência, nos setores social, econômico e cultural. Ou seja, para ele, continuamos dependentes economicamente, pressionados por uma elite local excludente, tributários da fé católica e atrasados socialmente.

Essa é uma leitura muito polêmica que minimiza as conquistas sociais e não vê avanços nos movimentos sociais que ocorreram posteriormente. Somado a isso, vale colocar que o historiador franco-espanhol Xavier Guerra, citado em História da América I, considerava a historiografia que compreende as independências como uma mudança “puramente política”, ou seja, uma simples substituição de poderes. Ele não via esse como um momento revolucionário da América Hispânica, ao possibilitar a fundação de uma nova sociedade, de um novo Estado soberano e de um novo jeito de se fazer política. Para ele, era inconcebível a ideia de relativizar essa conquista da independência e a sua eficácia, por mais desafios que ela representasse ou apresentasse.

Gostaria que vocês fizessem uma reflexão sobre os sentidos das independências da América Hispânica, momento este oportuno em que se comemoram em muitos desses países os duzentos anos das independências e se ampliam o debate historiográfico acerca desse tema.

## **B- O tema em questão no livro didático**

Escolhi o livro didático do historiador marxista Raymundo Campos, publicado em 1978, destinado aos alunos do ensino médio. Ao final do capítulo sobre as independências na América Espanhola, ele apresenta um pequeno resumo dos principais fatores a serem considerados sobre esse processo. Com base nos textos lidos, pensem sobre como ele aponta e desenvolve acerca das independências. Dessa forma, vocês poderão avaliar algumas das contribuições colocadas pela nossa bibliografia indicada no curso. Antes, é importante lembrar que todo livro didático tem seus limites e o nosso trabalho não é condenar o autor, mas sim repensar algumas ideias a partir de sua narrativa.

Leia o resumo de Raymundo Campos destinado aos alunos do ensino médio sobre as independências da América Espanhola



“1 - No início do século XIX, a independência da América Espanhola ocorreu num contexto político internacional marcado por fatos, como a Revolução Francesa, as guerras napoleônicas e a Revolução Industrial Inglesa.

2-Podemos citar como razões fundamentais para o movimento de independência: a política do pacto colonial que prejudicava seriamente a economia das colônias; a situação de inferioridade social e política dos criollos; as ideias da cultura na Ilustração; os interesses dos Estados Unidos, França e, especialmente, Inglaterra em fazer da América Espanhola uma região de livre comércio, sem os obstáculos do mercantilismo espanhol.

3-Depois de uma série de tentativas fracassadas em vários países, a grande oportunidade para a independência surgiu com a ocupação napoleônica da Espanha. A partir de 1810, diversos movimentos de libertação irromperam em países da América, muitos deles ajudados pela França Napoleônica.

4-Num primeiro momento, os espanhóis conseguiram reprimir os movimentos de libertação, mas, depois de 1815, contando com a ajuda da Inglaterra, os criollos retomaram a ofensiva e, no início da década de 1820, em diversos países, a independência terminou por triunfar.

5-Com a independência, a América Espanhola fragmentou-se numa série de países dominados por grandes famílias da aristocracia crioula. Sobre esse continente dividido e fraco, estabeleceu-se cada vez mais a dominação econômica da Inglaterra.”

**CAMPOS, Raymundo. *História Geral. Idades Moderna e Contemporânea Vol. 2. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atual, 1978, p.109.***

### ***Algumas questões para pensar***

Como o autor compreende o processo das independências na América Hispânica? Para ele, o movimento foi igual e ocorreu ao mesmo tempo em toda América ou teve suas especificidades regionais? Quais os principais motivos que levaram as independências? O texto nos leva a pensar quais os fatores externos que determinaram as independências? Quais foram os agentes que contribuíram para as independências que o autor nem menciona? A sua narrativa histórica é mais política, econômica ou cultural?

### ***Algumas observações sobre o texto de Raymundo Campos***

Como visto nos textos sobre as independências na América Hispânica, sabemos que as razões desse processo foram múltiplas. Há algumas interpretações, como a de Raymundo Campos, que concede muita importância aos fatores externos (Revolução Francesa, Revolução Americana, etc.) e pouca ou nenhuma importância aos fatores internos (a participação de escravos, indígenas e mestiços nas lutas pelas independências; o papel dos “libertadores da América”, como Simón Bolívar, e a autonomia econômica da colônia em relação à Espanha já no final do século XVIII).

Somado a isso, as razões da independência são dadas pelo historiador marxista sob os pontos de vista político e econômico, silenciando as questões sociais, culturais e religiosas que servem também como base explicativa desse complexo processo. Com efeito, muitas perguntas ficam no ar para os alunos. Uma consequência de se explicar as independências da América Hispânica dessa forma é a de colocar em segundo plano o protagonismo hispano-americano na luta pelos direitos políticos, sociais e religiosos conquistados a partir de então.

## 1.2. Sonhos e decepções nas independências hispano-americanas

### Texto base

PRADO, Maria Ligia. "Sonhos e decepções nas independências Hispano-americanas". In: América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos. São Paulo: Edusp, p.53-73.

#### A- Ideias gerais do texto

Como dito, as comemorações dos 500 anos da chegada de Colombo à América e, principalmente, à luz das comemorações dos bicentenários, as independências têm ganhado um lugar central nas reflexões historiográficas sobre o continente. Além dos motivos que as ocasionaram, é também importante identificar e refletir sobre algumas das principais figuras que contribuíram para essa conquista.

É com base no texto da historiadora da Universidade de São Paulo Maria Ligia Prado que proponho produzirmos uma reflexão crítica sobre as expectativas criadas nesse processo e o resultado que ela teve, uma vez que foram diversos os personagens de trajetórias distintas e perspectivas divergentes que contribuíram com a formação dos estados nacionais latino-americanos.

Vale mencionar que a autora ressalta muitos do que os defensores das independências demonstravam em seus escritos – panfletos, livros, memórias, discursos, jornais - um sólido conhecimento das ideias liberais. Havia uma crença nesses indivíduos na ação humana, na defesa dos direitos naturais do homem, na liberdade de expressão, na legitimidade da propriedade privada, na conquista social promovida pelo mérito, que, de um jeito ou de outro, amarraram suas plataformas de ação e suas justificativas para a emancipação.

Simón Bolívar foi talvez o mais conhecido de todos, por ter sido consagrado na historiografia tradicional como "o libertador da América". Lutou contra a tirania espanhola e em busca de liberdade, tendo como ponto de referência as ideias liberais. Alimentou uma grande esperança sobre a autonomia da América Hispânica. Como assinalou,

*Tão logo sejamos fortes, sob os auspícios de uma nação liberal que nos empreste sua proteção, se nos verá concordes em cultivar as virtudes e os talentos que conduzem à glória; então seguiremos a marcha majestosa em direção às grandes propriedades para as quais a América Meridional esta destinada.<sup>2</sup>*

**Mas, ao longo da luta, o pensamento de Bolívar mesclou esperanças ideias republicanas e liberais com ressentidas proposições autoritárias e antidemocráticas, vistas, por exemplo, na sua defesa do presidencialismo vitalício durante a formulação da Constituição Boliviana, de 1826.**

Prado salienta que a trajetória do cientista Francisco José Caldas (1768-1816) coloca em relevo a importância das universidades da América Espanhola para a divulgação de ideias revolucionárias. É preciso lembrar que a colonização espanhola construiu, desde o século XVI, 23 universidades na América com ajuda, fundamentalmente, de Jesuítas, Dominicanos e Franciscanos. Isto teve como consequência a formação de um ensino profundamente calcado no cristianismo e herdeiro da neoescolástica, ou seja, além de tratar de um espaço restrito que alcançava um círculo social bastante pequeno de pessoas, era um meio avesso ao pensamento crítico.

<sup>2</sup> PRADO, Maria Ligia. "Sonhos e decepções nas independências Hispano-americanas". In: América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos. São Paulo: Edusp, p.54.

José Caldas foi um cientista que questionou com dureza a filosofia e a educação da neoescolástica, porque acreditava na educação das luzes, que era a corrente que, de fato, contribuía para o desenvolvimento do conhecimento científico. Como afirma a historiadora, Caldas contestou os paradigmas do conhecimento religioso e do poder político vigente, no começo do século XIX, ao procurar demonstrar que não havia ruptura entre as novas visões de mundo da ciência e os princípios da política liberal. Sua inquietação e coerência adquiridas com o contato com as ideias liberais - que chegavam, muitas vezes, a América Espanhola por meio de livros contrabandeados - o levaram a assumir posições radicais e o dispuseram a lutar pela independência. Foi fuzilado em 1816 pelo exército do império espanhol devido ao seu apoio aos movimentos de independência na Colômbia.

Outro exemplo marcante de líderes independentistas é o de Miguel Hidalgo y Costilla (1753-1811), um padre do baixo clero que teve um papel determinante na independência mexicana, a ponto de ser considerado um padre revolucionário que pegou em armas contra as injustiças sociais e em prol da liberdade. Duramente executado pelo exército realista em 1811, foi acusado de defender a república e ter ideias liberais.

Como instituição hierarquizada, a Igreja sempre esteve do lado dos realistas durante as independências. Mas, no baixo clero, havia muitos líderes religiosos profundamente ligados aos camponeses mais pobres e que escolheram defender algumas de suas reivindicações. Foi o caso de Hidalgo, por exemplo, que levantou a bandeira da Virgem de Guadalupe, lutou contra o excesso de impostos e pela volta do rei Fernando II, afastado devido às invasões napoleônicas. É preciso lembrar que o clero era muito respeitado e tinha grande poder de convencimento diante do povo. Assim, a inconformidade de Hidalgo diante das injustiças sociais o fez dar o primeiro grito de independência, em 1810, o famoso Grito de Dolores, apesar de ter sido duramente punido.

Entre as décadas de 10 e 20 do século XIX, muitas das regiões que conquistaram as independências viveram longas guerras civis que deixaram a economia devastada, a população fragilizada e o Estado governado por líderes autoritários, ou seja, a liberdade não foi plenamente vivida tal como se imaginava. Para muitos simpatizantes, as ideias liberais, a justiça, o progresso, a riqueza e a liberdade deveriam florescer de imediato na América, o que não aconteceu. De repente, segundo Prado, tudo parecia ter sido em vão. *“Tempos de transformação trazem em si grandes esperanças e sua outra face, as inevitáveis frustrações”*.<sup>3</sup>

Muitos dos líderes militares e políticos que sonharam com a liberdade das independências na América foram duramente punidos, como o mexicano Hidalgo e o colombiano Francisco Caldas. Outros tantos morreram no exílio, voluntário ou não: Bernardo O’Higgins terminou seus dias no Peru; Simón Bolívar, em Santa Marta; José Artigas, no interior do Paraguai; José de San Martín, na Europa, e Francisco Miranda, numa prisão, em Cádiz.

A vontade inicial de mudança de muitos desses líderes militares, políticos e religiosos, baseada na crença e na justeza de suas ideias, deu lugar, na maturidade – na medida em que os acontecimentos não corresponderam às suas expectativas – ao desespero e à desilusão. O resultado foi, muitas vezes, a adoção de medidas conservadoras e a negação de todas as certezas passadas. Assim aconteceu com Bolívar, Bustamante e Monteagudo. Era a consideração de que o povo não estava preparado para a república liberal e democrática e, portanto, a ordem policial e autoritária era compreensível.

A grande questão que a autora enfatiza, ao final de seu ensaio, é a ideia de que as independências geraram a soberania nacional de muitos dessas regiões, criaram novas elites, mas os novos tempos não trouxeram benesses

3 PRADO, Maria Ligia. *“Sonhos e desilusões nas independências Hispano-americanas”*. In: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, p.73.



ou regalias para o povo. As mudanças sociais de peso, como reforma agrária, salários dignos, participação política, educação popular, cidadania, respeito cultural às diferenças, só seriam de fato conquistadas a partir das lutas sociais que vão ocorrer no século XX. Portanto, não foram as independências da América Hispânica que transformaram radicalmente a vida da maioria do povo, embora tenham iniciado o processo de soberania nacional.

## **B- O tema em questão no livro didático**

**Leia o trecho do texto didático de Geraldo Vinci de Moraes sobre os líderes das independências da América Espanhola, publicado em 1998.**

“As primeiras manifestações favoráveis à independência surgiram em 1810, no México e em algumas regiões sul-americanas. Elas resistiram com relativo sucesso às investidas da Espanha para reforçar os laços coloniais.

No México, o padre Hidalgo foi o grande líder da resistência, organizada por mestiços, índios e brancos pobres. Por isso, foi fuzilado em 1811. Outro padre, Morellos, tentou em seguida organizar a população contra a opressão metropolitana, mas também foi fuzilado.

A independência só ocorreu em 1821, sob o comando do general Itúrbide, enviado pela Espanha para conter os movimentos revolucionários. O general autoproclamou-se imperador do México, mas em 1823 foi derrubado por republicanos. (...)

Na América do Sul, os movimentos nacionalistas assumiram uma fase radical com a liderança de Simón Bolívar, Sucre e San Martín.

San Martín organizou um exército revolucionário no Sul que foi fundamental para a independência dos países da região. No Norte, a liderança era de Bolívar e Sucre, que também organizaram um grande exército popular nacionalista. É preciso salientar que essas organizações militares tiveram forte colaboração da Inglaterra, interessada na independência das colônias americanas.

Com seu poderoso “Exército dos Andes”, San Martín libertou a Argentina (1816) e o Chile (1818). Ao Norte, Bolívar libertou a Colômbia (1819) e a Venezuela (1821). Ambos encontraram-se no Peru, em 1822, para lutar por sua independência, que ocorreria em 1824. Por divergências políticas, San Martín afastou-se de Bolívar, mas este continuou na luta a favor da independência.

Simón Bolívar acalentava o ambicioso projeto político de formar uma só grande nação na América, independente e unificada. Por isso, ele percorreu toda a América do Sul, organizando os movimentos de libertação. Ajudou a proclamar a independência no Equador (1822) e na Bolívia (1825), junto com Sucre. (...)”

**MORAES, José Geraldo Vinci de. *Caminhos das civilizações: História Integrada – Geral e Brasil*. São Paulo: Editora Atual, 1998, p.282.**

## **Algumas questões para pensar**

É possível compreender o papel diversificado dos líderes das independências na leitura desse texto? Como o texto da historiadora Maria Lígia Prado pode ampliar o nosso olhar sobre essa questão? Como explicar para os alunos que um padre pegou em armas, como o Padre Hidalgo no México, e acabou por contribuir com a proclamação da república na América? Não seria contraditório? A narrativa do autor **não induz à** ideia de que só os grandes homens é que fazem a história? E o povo, onde estava durante as lutas das independências na América Hispânica?

### **Algumas observações sobre o texto de José Geraldo**

Como visto nos textos sobre as independências, sabemos que lideranças políticas, intelectuais, científicas e religiosas contribuíram com as independências. A visão do autor privilegia, assim, uma história política e factual permeada de grandes heróis, excluindo assim as contradições e complexidades do conhecimento histórico que percebemos, por exemplo, no texto da historiadora Maria Ligia Prado.

#### **Bibliografia complementar sobre as independências da América Hispânica**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. SP: Cia. das Letras, 2008.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

CHUST, Manuel. Reflexões sobre as independências ibero-americanas. *Revista de História, USP/SP*, n° 159, agosto/dezembro de 2008, p. 243-262.

GIL, Antonio Carlos Amador. *Tecendo os fios da nação: soberania e identidade nacional no processo de construção do Estado*. Vitória: IHGES, 2001.

PAMPLONA, Marco. A.; DOYLE, Don H (orgs). *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de Estados-Nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008.